

Representante de Figueiredo constata que índios caiapós mataram no Pará 20 pessoas

Conceição do Araguaia — Depois de constatar que o número de mortes na fazenda Espadilha foi de 20 pessoas e não 17, como supunha a Polícia Federal, o Major Marco Antônio Luchini, do Conselho de Segurança Nacional, encarregado pelo Presidente Figueiredo de dar uma solução para a guerra entre índios caiapós e fazendeiros do Baixo Araguaia, se mostrava preocupado com o que pode ocorrer nos próximos dias.

Ele permaneceu na aldeia Goritire junto aos caiapós, e agentes da Polícia Federal estão nas fazendas vizinhas para conter os fazendeiros. A preocupação do Major Luchini é ainda maior porque os índios xicrins, aparentados com os caiapós, estão dispostos a expulsar os fazendeiros de sua área, partindo da aldeia Cateté, onde as invasões são reconhecidas pelo representante do Conselho de Segurança Nacional.

Funai diz que não amplia área indígena

Brasília — O presidente da Funai, Coronel João Carlos Nobre da Veiga, foi categórico ao afirmar que "o Governo já decidiu que não vai haver mais ampliação" das áreas que serão demarcadas para os índios, de acordo com os compromissos assumidos. "Vamos agora é terminar o trabalho de demarcação nas áreas onde assumimos compromissos", assegurou.

Para ele, uma das causas do incidente ocorrido na Fazenda Espadilha, onde morreram 20 pessoas, foi o grupo de trabalho da Funai, que opera na região, ter admitido ampliar os limites determinados pelo memorial descritivo. "A comissão não poderia jamais alterar os limites anteriormente fixados. Isso originou o massacre". O responsável pela comissão é o antropólogo Alceu Cotia.

Decisão descabida

O Coronel Nobre da Veiga estava muito irritado com o grupo de trabalho da Funai que admitiu a possibilidade de aumentar os limites da reserva. "Essa é uma decisão que não lhe cabia", ressaltou.

"A reserva tem uma área de 3 milhões 300 mil 600 hectares. Porque elevar o limite em mais 50 quilômetros?" O presidente da Funai informou, então, que irá examinar a culpa do grupo de trabalho no episódio da morte de brancos na Fazenda Espadilha.

Mostrando-se insatisfeito com o trabalho dos seus antecessores na presidência da Funai, o Coronel criticou a demarcação da área dos índios caiapós. "Os limites foram maltraçados, pois deviam seguir o curso dos rios em vez de fazer uma linha imaginária em área seca", argumentou. "Final, quem são esses indigenistas que me antecederam aqui?"

Disse que os ataques ocorridos não têm justificativa e que tanto a Funai como o Ministério do Interior foram surpreendidos. "Não daremos guarida a esse tipo de violência, seja de um lado ou de outro. Vamos é aumentar a presença da Funai nas áreas mais sensíveis, de modo a evitar que sejamos novamente surpreendidos", concluiu.

O secretário-geral da Comissão Indigenista Missionária, Paulo Suess, advertiu que o asfaltamento da estrada que liga Cuiabá e Porto Velho (BR-364), cortando a reserva dos nambiquaras, poderá provocar a morte de quase toda essa nação indígena. Segundo ele, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem abriu, sexta-feira, a licitação para o asfaltamento.

Para o presidente da Funai, "o asfaltamento da BR-364 é um fato consumado, por decisão do Governo". De acordo com as informações da Cimi, os nambiquaras reduziram-se de uma população de 10 mil no início do século para apenas 750 atualmente.

Fazenda Macedônia, Pará/Foto de Guilherme Romão



Delfina (E) com dois dos filhos sobreviventes contou que o massacre "foi um inferno"

Mulher de 44 anos e 4 filhos sobrevivem

Belém — Delfina Ferreira da Silva, 44 anos, e quatro filhos menores sobreviveram ao massacre na fazenda Espadilha, Município de Conceição do Araguaia, onde 20 pessoas foram mortas a golpes de borduna. Traumatizada com o que viu, ela quase só consegue dizer: "Foi horrível, mataram todos".

Ela e os filhos foram poupados, segundo disse, para avisar aos outros fazendeiros da região que o mesmo acontecerá com eles caso não abandonem as terras dos índios. Eles andaram mais de 30 quilômetros dentro do mato até encontrar a fazenda Macedônia, onde relataram o massacre. "Nunca vi coisa tão horrível na vida. Foi um inferno".

Segundo versão que circulou em Redenção, a 150 quilômetros do local do massacre, cerca de 86 índios chegaram à fazenda Espadilha e pediram mantimentos. O gerente João Nunes recusou-se a atendê-lo e empurrou o chefe Kanhonko e os chamou de vagabundos. Foi, então, agarrado e obrigado a sentar no meio do terreiro, onde o índio Mekuiaka começou a cortar seu cabelo com uma faca. Foi aí que uma filha de João, Carmen Lúcia, investiu com um facão, golpeando a cabeça de Mekuiaka e ferindo a barriga de outro índio, Ireo. A reação dos caiapós foi fulminante.

Carmen Lúcia foi a primeira a morrer, com a cabeça despedaçada a golpes de borduna. A matança, então, prosseguiu com João Nunes, sua mulher, as crianças e os peões, num total de 20 pessoas. Nem os patos e galinhas escaparam.

Os cadáveres foram encontrados espalhados em diversos lugares da fazenda, até mesmo dentro da casa. Na sala estavam os corpos de uma mulher grávida, despida da cintura para baixo, com evidentes sinais de violência sexual. No sofá, duas crianças, de aproximadamente quatro e seis anos. Próximo da geladeira, o cadáver de um homem.

Num dos quartos, debaixo da cama, o corpo de um rapaz de aproximadamente 16 anos. Um homem tentou fugir com os dois filhos, um de quatro anos e outro de cerca de 12. Eles porém foram alcançados na estrada de terra e massacrados. Os outros corpos estavam espalhados nas proximidades, até o de uma mulher em adiantado estado de gravidez e o filho de cerca de um ano. Um homem maduro, forte, deve ter oferecido resistência, pois foi o mais massacrado e teve o corpo praticamente todo mutilado.